



Como no passado,
em busca de vitórias



MARINHA DO BRASIL
PROTEGENDO NOSSAS ÁGUAS

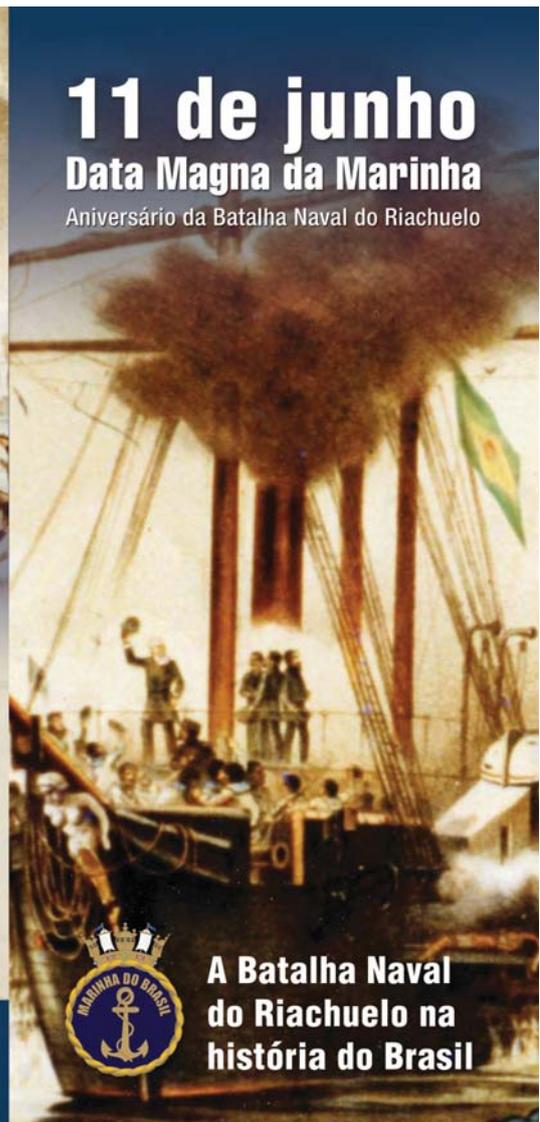
www.mar.mil.br

Venha "Navegar com a Marinha" na Internet

11 de junho

Data Magna da Marinha

Aniversário da Batalha Naval do Riachuelo



**A Batalha Naval
do Riachuelo na
história do Brasil**

A importância da Batalha Naval do Riachuelo

A Batalha Naval do Riachuelo é considerada, pelos historiadores, como uma batalha decisiva da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870) - o maior conflito militar na América do Sul, somente superado em vítimas, no Novo Mundo, pela Guerra Civil Americana (1861-1865). Até a data de 11 de junho de 1865, o Paraguai tinha a iniciativa na guerra. Com a vitória naquela batalha a situação se inverteu, garantindo o bloqueio à navegação paraguaia e o uso, pelo Brasil, dos rios que eram as principais artérias do teatro de operações de guerra.

Logo após sua independência, o Paraguai procurou se manter afastado dos conflitos frequentes que ocorriam na Região do Prata. Quando Francisco Solano Lopez assumiu o poder em 1862, após a morte de seu pai, Carlos Antônio Lopez, passou a exercer uma política externa mais atuante do que a do seu pai, tentando fazer sua presença sobressair na região.

O Brasil, agindo de acordo com a sua política externa, foi o primeiro país a reconhecer a independência do Paraguai. Isso devia-se ao fato do império não ser favorável à almejada anexação do território paraguaio, pela Confederação Argentina.

Entre o Brasil e o Paraguai, havia questões de limites, mas era improvável que tais divergências levassem a um conflito armado. A intervenção brasileira no Uruguai, em 1864, no entanto, contrariou os planos políticos e as alianças de Solano Lopez. Ele considerou que a invasão do Uruguai, por tropas brasileiras, era um ato de guerra do Brasil contra os interesses do Paraguai e iniciou as hostilidades. Como lhe fora negada a permissão para que seu exército atravessasse o território argentino para atacar o Rio Grande do Sul, Lopez invadiu a Província de Corrientes, envolvendo a Argentina no conflito.

O Paraguai estava se mobilizando para uma possível guerra desde o início de 1864. Lopez se julgava mais forte e acreditava que teria o apoio do Partido Blanco uruguaio e dos partidários argentinos de Justo José de Urquiza, que exercia o poder na província argentina de Entre Rios. Tal não ocorreu. Sua derrota em Riachuelo acabou com a possibilidade de uma vitória rápida. Seus possíveis aliados não aderiram. Ele, também, superestimou o poder econômico e militar do Paraguai e subestimou o potencial e a disposição do Brasil para a luta.

Esquadra brasileira

No início da Guerra da Tríplice Aliança, a Esquadra brasileira dispunha de 45 navios armados. Destes, 33 eram navios de propulsão mista, a vela e a vapor, e 12 dependiam exclusivamente do vento. O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (Arsenal da Corte) passara por uma modernização, em meados do século XIX. Assim, diversos navios do início da guerra foram projetados e construídos no País.

Dadas estas características, os navios brasileiros eram adequados para operar no mar e não nas condições de navegabilidade restrita e águas pouco profundas

que o teatro de operações nos rios Paraná e Paraguai oferecia; a possibilidade de encalhar era um perigo sempre presente. Além disso, esses navios, possuíam casco de madeira, o que os tornava muito vulneráveis à artilharia de terra, posicionada nas margens.

Esquadra paraguaia

A Esquadra paraguaia possuía 32 navios, incluindo os que eles apresaram do Brasil e da Argentina, no início das hostilidades, dos quais 24 eram navios de propulsão mista, a vapor e a vela, e oito eram navios exclusivamente a vela. Todos os navios de propulsão mista, excetuando um deles, eram de madeira, com propulsão por rodas de pás. Embora todos eles fossem adequados para navegar nos rios, somente o Taquari era um verdadeiro navio de guerra.

Os paraguaios desenvolveram, então, a chata com canhão como arma de guerra. Era uma embarcação de fundo chato, sem propulsão, com um canhão de seis polegadas de calibre, que era rebocada até o local de utilização, onde ficava fundeada. A bordo, transportava apenas a guarnição do canhão. Sua borda ficava próxima à superfície da água, deixando à vista um reduzidíssimo alvo, do qual se via, somente, a boca do canhão.

Antecedentes da Batalha

Coube ao Almirante Joaquim Marques Lisboa, Visconde de Tamandaré, depois Marquês de Tamandaré, o comando das Forças Navais do Brasil em Operações de Guerra contra o Governo do Paraguai. A Marinha do Brasil representava praticamente a totalidade do Poder Naval presente no teatro de operações. O Comando-Geral dos Exércitos Aliados era exercido pelo Presidente da República da Argentina, General Bartolomeu Mitre, ao qual as Forças Navais do Brasil não estavam subordinadas, de acordo com o Tratado da Tríplice Aliança.

Os rios Paraná e Paraguai eram as artérias de comunicação que garantiam os suprimentos de guerra ao Paraguai. Dessa forma, a estratégia adotada pelos aliados foi o bloqueio naval. As Forças Navais do Brasil foram organizadas em três Divisões, uma permaneceu no Rio da Prata e as outras duas subiram o Rio Paraná para efetivar o bloqueio.

Com o avanço das tropas paraguaias ao longo da margem esquerda do Paraná, Tamandaré resolveu designar seu Chefe do Estado-Maior, o Chefe-de-Divisão (posto que correspondia a Comodoro, em outras Marinhas) Francisco Manoel Barroso da Silva, para comandar a Força Naval que estava rio acima. Barroso partiu de Montevidéu, em 28 de abril de 1865, a bordo da Fragata Amazonas, e se juntou à força naval em Bela Vista.

A primeira missão de Barroso foi um ataque à Cidade de Corrientes, que estava ocupada pelos paraguaios. O desembarque ocorreu, com bom êxito, em 25 de maio. Contudo, não era possível manter a posse dessa cidade na retaguarda das tropas invasoras e foi preciso, logo depois, evacuá-la. Ficou evidente que a presença da força naval brasileira deixaria o flanco dos invasores sempre muito vulnerável. Era necessário destruí-la, e isso motivou Solano López a planejar a ação que levaria à Batalha Naval do Riachuelo.

A Batalha

A Força Naval brasileira, comandada por Barroso, estava fundeada no Rio Paraná, próxima à Cidade de Corrientes, na noite de 10 para 11 de junho de 1865.

O plano paraguaio era surpreender os navios brasileiros na alvorada do dia 11, abordá-los e, após a vitória, rebocá-los para Humaitá. Para aumentar o poder de fogo, a força naval paraguaia, comandada pelo Capitão-de-Fragata Pedro Ignacio Mezza, rebocava seis chatas com canhões. A Ponta de Santa Catalina, próxima à foz do Riachuelo, foi artilhada pelos paraguaios. Havia, também, tropas de Infantaria posicionadas para atirar sobre os navios brasileiros que escapassem.

Almirante Barroso, Chefe-de-Divisão

No dia 11 de junho, aproximadamente às 9 horas, a Força Naval brasileira avistou os navios paraguaios descendo o rio e se preparou para o combate. Mezza se atrasara, chegando ao encontro com o dia já claro, desistindo de iniciar a batalha com abordagem. Às 9 horas e 25 minutos, dispararam-se os primeiros tiros de artilharia. A Força Naval paraguaia passou pela brasileira, ainda imobilizada, e foi se abrigar junto à foz do Riachuelo.

Após suspender, a Força Naval brasileira desceu o rio, perseguindo os paraguaios.

Desconhecendo que a margem estava artilhada, Barroso deteve seu capitânia, a Fragata Amazonas, para impedir uma possível fuga dos paraguaios. Com sua manobra inesperada, alguns dos navios retrocederam, e a Jequitinhonha encalhou em frente às baterias de Santa Catalina. O primeiro navio da linha, o Belmonte, passou por Riachuelo separado dos outros, sofrendo o fogo concentrado do inimigo e, após passar, encalhou propositalmente, para não afundar.

Corrigindo sua manobra, Barroso, com a Amazonas, assumiu a vanguarda dos outros navios brasileiros e efetuou a passagem, combatendo a artilharia da margem, os navios e as chatas, sob a fuzilaria das tropas paraguaias que atiravam das barrancas.

Completo-se assim, aproximadamente às 12 horas, a primeira fase da Batalha. Até então, o resultado era altamente insatisfatório para o Brasil: o Belmonte fora de ação, a Jequitinhonha encalhada e o Parnaíba, com avaria no leme, sendo abordado e dominado pelo inimigo, apesar da resistência heroica dos brasileiros, como o Guarda-Marinha Greenhalgh e o Marinheiro Marçílio Dias, que lutaram até a morte. Então, Barroso decidiu regressar. Desceu o rio, fez a volta com os seis navios restantes e, logo depois, estava novamente em Riachuelo.

Tirando vantagem do porte da Amazonas, Barroso usou seu navio para abalroar e inutilizar os navios paraguaios e vencer a Batalha. Quatro navios inimigos fugiram perseguidos pelos brasileiros.

Antes do pôr-do-sol de 11 de junho, a vitória era brasileira. A Esquadra paraguaia fora praticamente aniquilada e não teria mais participação relevante no conflito. Estava, também, garantido o bloqueio que impediria que o Paraguai recebesse armamentos do exterior. Foi a primeira grande vitória da Tríplice Aliança na guerra e, por isto, muito comemorada.

Com a vitória em Riachuelo; a retirada dos paraguaios da margem esquerda do Paraná; e a rendição dos invasores em Uruguaiana, a opinião dos aliados era de que a guerra terminaria logo. Isso, porém, não ocorreu. O Paraguai era um país mobilizado e Humaitá ainda era uma fortaleza inexpugnável para os navios de madeira que venceram a Batalha Naval do Riachuelo. A guerra foi longa, difícil e causou muitas mortes e sacrifícios.

Genas da Batalha Naval do Riachuelo, de Victor Meirelles, 1882